



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

PPGHIST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**CULTURAS E  
IDENTIDADES  
DOS AFRO-  
BRASILEIROS  
A PARTIR DO MARANHÃO**



**CLAUDIO SILVA RIBEIRO**

**CULTURAS E IDENTIDADES DOS  
AFRO-BRASILEIROS A PARTIR DO  
MARANHÃO**

Dedico este material a todos que contribuíram para que fosse possível a sua produção em especial a minha orientadora Dr<sup>a</sup> Tatiana Raquel Reis, a minha esposa Bianca Cardoso Duarte Ribeiro, ao meu filho Noah Cardoso Ribeiro e a minha família pelo apoio.

**Claudio Silva Ribeiro**

Especialista em Educação

Mestre em História

**CULTURAS E IDENTIDADES DOS  
AFRO-BRASILEIROS A PARTIR DO  
MARANHÃO**

**Capa:** Bianca Cardoso Duarte Ribeiro

**Foto da capa:** Arquivo pessoal

Ribeiro, Claudio Silva.  
Culturas e identidades dos Afro-Brasileiros a partir do Maranhão/ Claudio Silva  
Ribeiro. – São Luís, 2022.  
47 f.; il.

Produto Educacional da Dissertação “A história e cultura afro-brasileira no  
Ensino de História em Santa Helena”.

Orientação da Profa. Dra. Tatiana Raquel Reis Silva.

1. Ensino de História. 2. História e cultura afro-brasileira e africana. 3. Baixada  
Maranhense. 4. Manual. I. Título.

CDU 93/94:930.85(6+81)(072)

*A educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas.*

*Pessoas mudam o mundo.*

*(Paulo Freire)*

## APRESENTAÇÃO

Estimado(a) professor(a), este material é fruto de uma pesquisa que transcorreu por mais de dois anos através do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) que teve início no ano de 2020 e se encerra no ano de 2022. O resultado deste trabalho é fruto da inquietação em conhecermos ainda mais a região da Baixada Maranhense a partir das estruturas que foram criadas com a presença dos africanos que chegaram nessa região.

Vendo todo o cenário a nível nacional com tantos casos de intolerância e racismo com o diferente em especial aqui com o negro, que buscamos elaborar uma ferramenta que fosse capaz de dialogar com toda a população através do olhar do professor que conhecendo ainda mais a sua cultura consegue com propriedade repassar conteúdos sem os estigmas que por séculos separaram a população do Brasil por raças e classes sociais.

Para o desenvolvimento do material foram utilizadas pesquisas nos diversos meios que pudessem contribuir de forma positiva com a temática aqui desenvolvida. Sabe-se que é impossível abarcar o todo, mas através dos enfoques que damos aqui é possível ampliar o leque de conhecimentos das pessoas. Nesse sentido, tivemos a contribuição de pessoas que vêm desenvolvendo pesquisas dando um enfoque satisfatório para ver o Maranhão, por olhares diferenciados dos que outrora disseram sobre o estado.

Dessa forma, apresentamos as culturas e identidades do povo que viveu e vive no Maranhão, seu modo de viver, suas lutas e desafios, bem como o legado que os africanos deixaram na região da Baixada Maranhense e claro, dando uma atenção para os elementos que comprovam a presença afro-brasileira e africana em Santa Helena.

Sabemos que estas informações podem ser ampliadas, pois há todo um conjunto de saberes que precisam ser elucidados, e os professores são esses sujeitos capazes de tornar tudo isso possível através de um olhar comprometido com o conhecimento e que consequentemente elegem dentro da sociedade formas exemplares de entender o diferente que existe próximo do outro.

Em face do exposto, desejamos um ótimo estudo e que toda essa forma de aprendizagem que possa ser retirada daqui, encoraje as mentes para continuar com as pesquisas em vista de promover de forma positiva a região.

**(O autor).**



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2 LEI Nº 10.639/2003: DO QUE SE TRATA? .....</b>	<b>09</b>
2. 1 O livro didático como aspecto mercadológico .....	10
2. 2 O negro no livro didático .....	11
<b>3 QUE CONHECIMENTOS TEMOS SOBRE O CONTINENTE AFRICANO? .....</b>	<b>13</b>
3. 1 Brasil Afro-Brasileiro .....	17
<b>4 FORMAÇÃO CULTURAL MARANHENSE .....</b>	<b>22</b>
4. 1 História e cultura afro-brasileira na baixada maranhense .....	24
4. 2 A importância da História de Santa Helena .....	26
4. 3 Presença africana a partir do Tambor de Mina .....	30
4. 4 Presença africana a partir do Tambor de crioula .....	33
4.5 Presença africana a partir do Bumba-meu-boi .....	35
4. 6 Presença africana a partir dos Quilombos .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A formação da identidade é um processo contínuo, que constrói-se em meio às experiências cotidianas ao longo do tempo. Ter atenção com esse procedimento é o que garante que tenhamos um espaço em que o respeito para com o outro se efetive, do contrário o que pode acontecer é que aqueles que detêm o poder acabem estipulando como se constitui a identidade de um povo.

O Brasil é um país em que a identidade do negro foi negada, não valorizada e muitas das vezes desrespeitada, além de todo o processo dolorido da escravidão. O que temos de saldo de toda essa injustiça é uma sociedade em que ainda existem muitos problemas de cunho racial, são marcas que ocasionaram (e ocasionam) um distanciamento dos negros em relação aos seus direitos, ou seja, quando cessou a escravidão o que restou foi um país dividido socialmente.

Os afro-brasileiros são a resistência de um país que teimou em negar aqueles que tanto fizeram para a construção desta sociedade. As histórias e culturas dos afro-brasileiros e africanos devem ser estudadas e pesquisadas, um esforço que temos que seguir à luz das leis que já estão postas para serem executadas. Cada vez mais precisamos dar significativas respostas para o nosso mundo e assim resgatar verdadeiros valores herdados dos africanos e dos afro-brasileiros.

Sendo assim, este material objetiva subsidiar a prática docente e facilitar o acesso a conteúdos que muitas vezes nos impedem de falar sobre um tema que por séculos soou estranho aos nossos ouvidos. Assim sendo, os temas que serão discutidos poderão ajudar a abrir caminhos para esse universo ainda desconhecido por grande parte da sociedade brasileira, particularmente, em Santa Helena.

## 2 LEI Nº 10.639/2003: DO QUE SE TRATA?

Permitir a efetivação de políticas públicas para que estas se imponham dentro de um sistema educacional que durante décadas ignorou a presença de um povo em seu país, é dar abertura para que mudanças se efetivem e alterem a realidade de atraso que foi criada ao longo do tempo. Os esforços dos movimentos sociais, particularmente, do movimento negro, é o que nos faz, após todos esses anos, lutar por um país que valorize e legitime e história dos africanos e afro-brasileiros.

A Lei 10.639/03 é o texto que não deve faltar quando o professor for pensar o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula, ela deve estar em consonância com todos os aparatos legais de resgate da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas. É justo e necessário que cada brasileiro saiba de suas origens, pois assim poderemos sanar importantes problemas que estão relacionados com o silenciamento historiográfico que deixou profundas marcas até nos dias atuais.

Dessa forma, em janeiro de 2003 foi sancionada pela presidência da república do Brasil a Lei Nº 10.639, posteriormente atualizada pela Lei Nº 11.645 de março de 2008. Essas leis tornam obrigatório no currículo oficial da rede de ensino, público e privado, a temática “História e cultura Afro-brasileira e Indígena”. Segundo a letra da Lei, no Art. 26 –A,

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, 2008, p. 334).

A finalidade de uma educação comprometida com seu resgate histórico é justamente fazer com que através da educação se efetive políticas públicas que falem do racismo, preconceito e discriminação, situações que devem ser cada dia mais combatidas. A Lei 10.639/2003 está aí para ganhar corpo e se efetivar como um importante mecanismo de resolução de conflitos é uma arma que deve estar a serviço do processo de ensino-

aprendizagem, de forma que venha garantir com que os negros se sintam cada vez mais participantes da sociedade.

“Apesar da importância e diversidade dos trabalhos sobre racismo e educação, ainda faltam muitos aspectos a serem desvendados, diante da complexidade das relações raciais brasileiras e da forma pela qual o racismo se expressa na escola” (DIAS, 2005, p. 50). São trabalhos conjuntos que devem ser desenvolvidos dentro das escolas apontando os problemas que cada comunidade escolar possui.

## **2. 1 O livro didático como aspecto mercadológico**

Um ponto importante ao falar de conteúdos centrados na abertura de saberes é ter conhecimento que o livro didático em muitas regiões do Brasil ainda é a principal fonte de pesquisa para professores e alunos. A gravidade desse fato é resultado de uma extensa política que apagou o caminho que pudesse conduzir as mentes que precisam estar à frente repassando e instigando conteúdos, com isso, essa situação fez com que não tivessem acesso a esse precioso bem de ciência.

Sendo assim, o livro didático se tornou um fator fundamental de difusão de informações relativas à classe dominante, que em todos os sentidos faz com que apenas a sua perspectiva de sociedade seja mostrada. Logo, quem menos tem poder aquisitivo embora tente falar, não é ouvido, já que sua voz não consegue ser ecoada.

Esse distanciamento da realidade, justifica-se por questões históricas ideologicamente pensadas e incorporadas nas relações. Contudo, é necessário romper com esse ciclo, e questionar esses espaços é fundamental. É insurgente a perspectiva de não aceitação dessas limitações dos espaços sociais, assim como dos espaços de fala e representações. Dito isso, abre-se espaços para pensar que é necessário desconfiar de certos modelos que eram e são postos como essenciais para se aprender.

É fundamental pensar que enquanto professores, e como eternos aprendizes, necessitamos a todo instante estar buscando e esclarecendo os conteúdos que acessamos, e levantarmos questionamentos em torno deles é um passo inicial. O livro didático como veículo de difusão de ideologias e como um bem de consumo, muitas vezes único dentro do ambiente escolar, deve ser estudado com um olhar sempre atento no sentido de não deixar com que aquelas informações esgotem a nossa percepção de sociedade.

Quando trazemos essas práticas para mais perto de nosso cotidiano se cria uma abertura para compreender o sentido que está por traz de todo um conjunto de narrativas que excluem e em diversas situações se negam a fazer uma crítica mais centrada para determinado

assunto. Assim, essa distinção de padrões só é sentida quando percebemos uma total ausência de críticas que pode fazer com que os consumidores tenham um olhar mais crítico a respeito do que está sendo propagado. O professor é o sujeito no processo de ensino que tem o papel de intermediar, pois hoje já temos uma gama de informações que devem pautar os saberes em pesquisas cada vez mais aprofundadas.

Por isso, é importante que se saiba de início o quanto os livros didáticos se tornaram um meio substancial no escalonamento de ideologias que privilegiavam determinadas culturas e hábitos ao invés de outros, com isso, o que se construiu foi um distanciamento dos padrões de sociedade que colocava pessoas e grupos sociais distantes uns dos outros.

## **2. 2 O negro no livro didático**

O fato de termos um apagão de informações sobre a trajetória do negro nos 300 anos de sua permanência no Brasil é um motivo de nos debruçarmos a analisar o quão intensamente esse ato prejudicou o entendimento acerca da identidade que foi construída e dada ao povo brasileiro.

A perspectiva dos brasileiros em relação a sua história sofreu distorções justamente porque o negro nos manuais de ensino aparece na maior parte das vezes como alguém que não têm direitos e que foi salvo por uma princesa branca impulsionada pela bondade da classe dominante que concedeu a “liberdade”.

É uma perspectiva que devemos ter claro em nossas mentes nos dias de hoje para que possamos caminhar dentro de uma construção de um ensino que acaba por impedir a construção de uma sociedade mais esclarecida. Com isso, jogar a história e cultura afro-brasileira e africana para as margens da sociedade fez cumprir o papel do sujeito colonizador de aperfeiçoar a sua prática de tomar para si todos os feitos.

O silenciamento de vozes é esse trunfo que impede uma reação imediata diante dessas características que se impuseram socialmente, quando não se dar o valor necessário para conhecimentos que tendem a contar uma outra versão dos fatos o resultado é usar dos elementos mais fortes e com poder de barganha superior para conquistar seus objetivos.

A nação brasileira deve ser mais bem explicada, a sua identidade necessita que as vozes que um dia foram silenciadas sirvam de caminho para se reagir diante das distorções que foram narradas, estudadas e debatidas. O negro e sua história carregada de simbologias originais não pode ser objeto de fetichismo por parte de quem continua a se fechar por falta de ciência ou mesmo por intenções preconceituosas.

Nessa perspectiva, José Luís Xavier Filho salienta que:

Por ser o principal portador de conhecimentos básicos das variadas disciplinas que compõem o currículo dentro das escolas, o livro didático torna-se um dos recursos mais usados em sala de aula, e um instrumento pedagógico bastante difundido, por isso facilita à ação da classe dominante de registrar como quer e como lhe convém a imagem do negro na sociedade brasileira. (XAVIER FILHO, 2021, p. 168).

Não devemos esquecer a influência que um livro didático tem no processo de ensino-aprendizagem, a carência que envolve os professores e alunos mesmo com todas as reformulações de incentivo, compras e distribuições de materiais de pesquisa, ainda sim vivemos uma realidade que impede com que esses recursos cheguem à presença de muitos professores, conseqüentemente, ainda é sentido o preconceito que tardiamente é combatido.

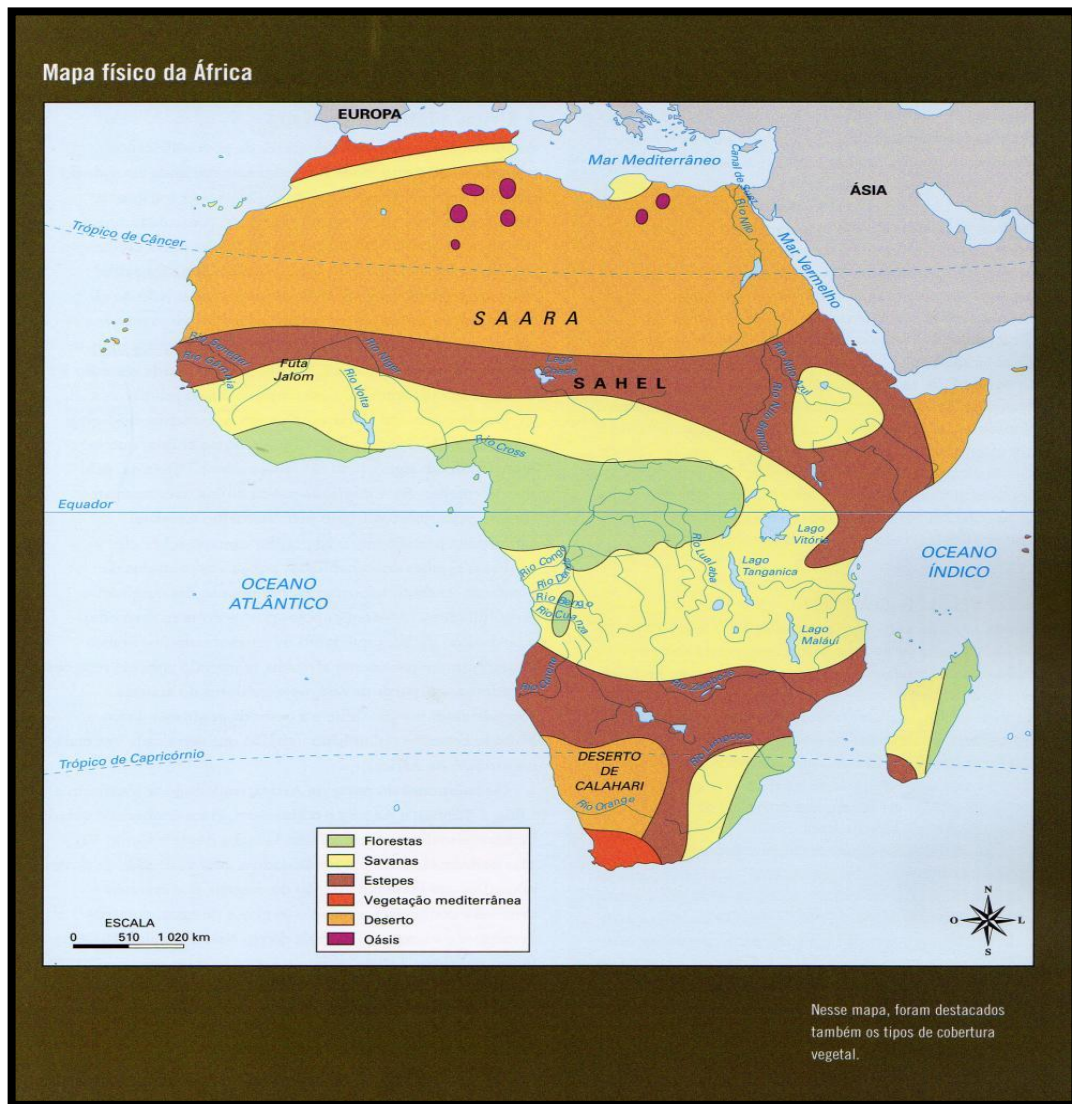
Historicamente se ficou preso a ver o livro didático como único instrumento de pesquisa, ainda hoje essa ideia impera entre os professores e alunos, com isso as ideologias de cunho racista ou mesmo a invisibilidade do povo negro se consolidam dentro das suas estruturas e do poder de decisão.

Então, é preciso encarar essas realidades para que possamos estudar e entender a História e cultura afro-brasileira e africana como possível de romper com as mentalidades que desconsideram o lugar de importância desse conteúdo para a História do Brasil, de uma forma geral, e de Santa Helena, de forma particular.

### 3 QUE CONHECIMENTOS TEMOS SOBRE O CONTINENTE AFRICANO?

Desmistificar velhos paradigmas é dar novos sentidos para uma aprendizagem que valorize a sua história através de um conhecimento pautado no respeito por sua cultura. Esses velhos modelos explicativos da realidade ainda são encontrados na sociedade contribuindo para que certos conhecimentos sejam vistos como verdades absolutas. O continente africano, em toda a sua dimensão e heterogeneidade, deve ser conhecido por todos.

**Figura 1-**Mapa físico da África



**Fonte:** Livro “África e Brasil africano” de Marina de Mello e Souza, Editora Ática, (2014).

Souza (2014, p. 11), nos apresenta o retrato físico do continente africano ao dizer que ele é cercado ao norte pelo mar Vermelho e Mediterrâneo, a oeste pelo oceano Atlântico e a leste pelo oceano Índico. Em termos geográficos, suas principais marcas são o deserto do Saara ao norte, o deserto do Kalahari a sudoeste, a floresta tropical no centro do continente, as



savanas, ou campos de vegetação esparsa e rasteira. Assim, é nos dito que os rios são meios de comunicação mais importantes do continente, com maior destaque para o Nilo que nasce na região do lago Vitória e deságua no Mediterrâneo.

Figura 2- Mapa do Rio Nilo



Fonte: José Silvio Oliveira Filho. Disponível em: <https://www.coladaweb.com/geografia/rio-nilo>  
Acesso em: 10 ago. 2021.

Além do Nilo, há outros rios importantes para o continente como rio Congo e Zambésia. Essa informação contrasta com ideias difundidas ao longo da história, do continente africano enquanto um “país”, cheio de pobreza e doenças. Quando aprofundamos ainda mais estas análises podemos perceber uma riqueza de detalhes que dimensionam a extraordinária capacidade de se desenvolver na região. Seus rios, florestas e desertos congregam em seus meandros uma harmonia de detalhes que dão vida e fluência, que os permite viajar por todas as regiões buscando o aprimoramento e difusão de saberes.

Nos dias atuais estamos caminhando no sentido de cada vez mais valorizar a História de um continente que foi de fundamental importância para o crescimento mundial, através de sua ciência, seu modo de gerir as sociedades, e que deu impulsos para que outros povos



pudessem beber de suas fontes. A África é essa terra pela qual queremos fazer uma viagem que culmine na dissolução de muitos saberes e conhecimentos.

Devemos iniciar este nosso conhecimento partindo do princípio de que a África é o berço da humanidade, para justificar tal concepção advertimos que nunca foi uma assertiva da mais fácil falar sobre esse tema, pois a partir das ocupações, principalmente dos europeus, essa ideia foi sendo diminuída e junto a tudo isso vieram histórias que foram contadas através de quem colonizou o continente. Mas como nos ensina provérbio africano *“até que os leões contem suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça”*.

A África enquanto berço da humanidade inicia a história dos primeiros seres humanos contando através de suas formas de registro como foram se dando a luta pela sobrevivência em meio aos desafios impostos pela natureza. Algumas civilizações africanas são importantes pontos que devem ser destacados aqui, pois através da visão que se tem de diferentes povos é possível romper com a ideia de que a África é um continente uniforme.

Pantoja (2011, p. 9), salienta que “a ideia de uma África homogenia na sua identidade, tem aparecido na forma de um preconceito constante, difícil de romper”. No entanto, pesquisas vêm demonstrando que o continente africano é uma região em que muito mais sociedades vão se estabelecendo e revelando práticas civilizatórias diferentes umas das outras.

Em um importante estudo sobre o desenvolvimento tecnológico africano, Eliza Larkin Nascimento (2008), elenca os feitos causados por civilizações em diferentes épocas e lugares, são descobertas que trazemos aqui também no sentido de desmistificar ideias de que a África não produzia ciência. A título de exemplo, a autora ressalta que em 1879 em Uganda o cirurgião W. Felkin testemunhou uma cesariana feita por médicos do povo banyoro. A surpresa do cirurgião também se deu na forma como eles preparam o procedimento cirúrgico.

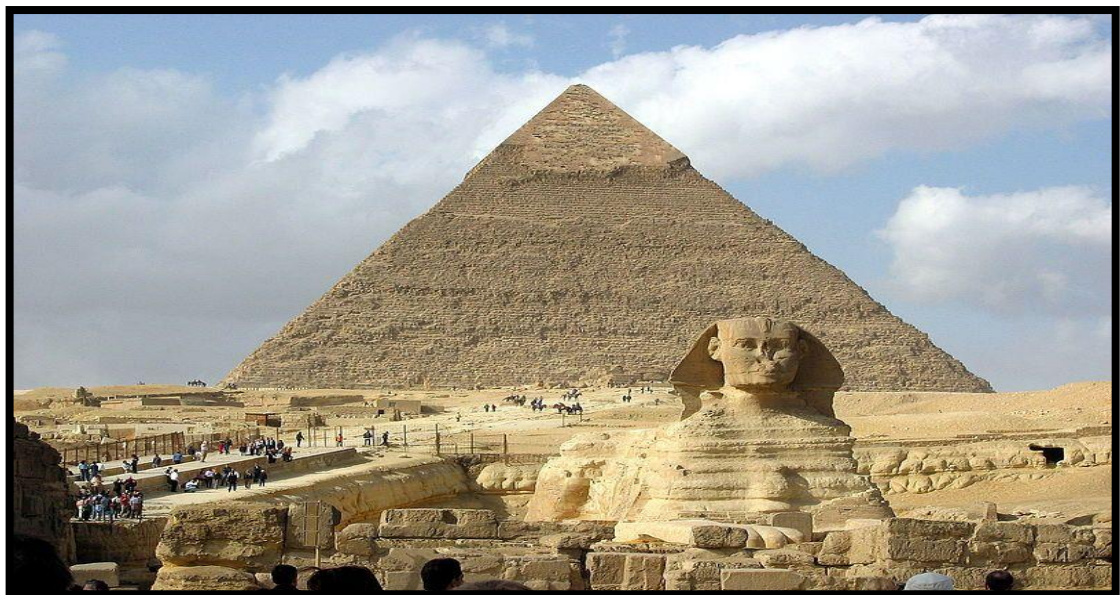
Em relação a astronomia, é destacado a descoberta de restos de observatório astronômico no Quênia em 1978. A partir dessas descobertas foi se estabelecendo a grande sabedoria que esses povos tinham em relação ao universo. Na metalúrgica, Nascimento (2008) destaca que há mais de dois mil anos, os haya, povo de fala banta que habitava a região da Tanzânia, perto do lago Vitória, produzia aço em fornos que superavam de duzentos a quatrocentos graus centígrados. São tecnologias que engrandecem uma história. Na matemática são destacadas principalmente as enormes construções que datam de 2.700 a. C, e que representam grandes feitos para a humanidade, exemplos dessas construções são as pirâmides do Egito.

**Figura 3-** Pirâmides do Egito



**Fonte:** Internet (2021) Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/piramides-do-egito>  
Acesso em: 09 ago. 2021.

**Figura 4-** Pirâmides do Egito



**Fonte:** Internet (2021) Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/piramides-do-egito>  
Acesso em: 09 ago. 2021.

São técnicas que chegam aos nossos dias e que devem ser repassadas para assim romper com estigmas de que na África não se produzia nada. E quando há a perspectiva de responder o porquê do mundo não conhecer essas maravilhas que o continente tem a oferecer, Nascimento (2008) assinala que:

Vários fatores contribuíram para esse fato, entre eles a falsificação pura e simples. Outro está no próprio holocausto: a devastação dos centros

africanos prosseguiu durante séculos, e enormes contingentes da juventude africana, com capacidade para criar e avançar, foram sequestrados para o cativeiro. Destruídos os centros de desenvolvimento, pouco restou para ser observado (NASCIMENTO, 2008, p. 45).

São peças que fazem falta na hora de contar os grandes feitos, são estruturas que foram retiradas de seus lugares e no lugar impuseram inverdades, retiraram os saberes do povo africano e em troca deixaram a imagem do homem selvagem que nada sabia e nada produzia. Quando se devasta centros em que as pessoas depositavam suas histórias é um sinal de que aquele lugar está incomodando de alguma forma, sabemos que as técnicas e desenvoltura de uma civilização que nada devia as outras poderia despertar desejo nas que almejavam ser como eles.

### **3. 1 Brasil Afro-Brasileiro**

Pensar o Brasil Afro-Brasileiro é dimensionar a formação do seu povo reconhecendo que temos um país em que a diversidade cultural é uma constante. Dessa forma “o objetivo de longo prazo é assegurar aos brasileiros de descendência africana os meios para que possam exercer seus direitos de cidadania nas estruturas políticas, econômicas e sociais do Brasil, superando assim a discriminação racial e outras formas de exclusão”. (DZIDZIENYO, 2008, p. 208).

São caminhos que cada vez mais se asseguram na dissolução de velhos paradigmas e abrem portas para a entrada de novas perspectivas, assim, a educação é um meio de garantia do resgate histórico de determinados povos. Dito isso, as crianças, jovens e adultos terão a oportunidade de conhecer e valorar a sua própria História e, conseqüentemente, estarão mais conscientes das suas identidades.

Quando analisamos o mapa que mostra as seis principais rotas do tráfico negreiro, nos deparamos com a necessidade de conhecer de onde vieram esses povos e o que eles trouxeram como bagagem ao desembarcar em sua nova terra. São elementos que não podem faltar quando dimensionamos a sociedade brasileira, pois são essas características que fizeram desse povo o que é hoje, com isso, saber desses elementos é o que nos faz ser o que somos.



Figura 5 - Radiografia do Tráfico Negroiro

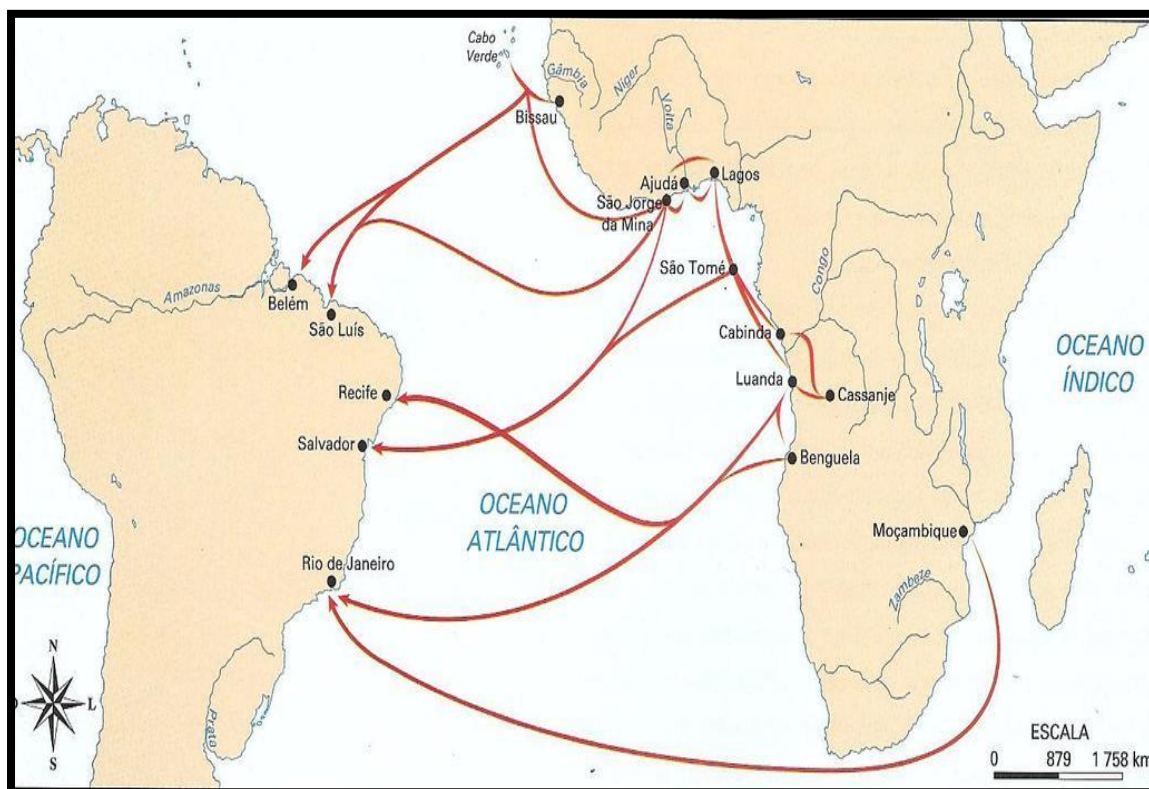


Fonte: Livro “África e Brasil africano” de Marina de Mello e Souza, Editora Ática (2014).

Analisando as principais rotas por onde passavam os africanos escravizados é possível constatar o quanto esse comércio era intenso, a necessidade das colônias na América em fortalecer seu sistema de exploração era efetivo, a partir da comercialização da mão de obra escrava de pessoas oriundas da África com destino para Carolina (EUA), Cuba, Jamaica, Guiana, e no caso do Brasil, para a Bahia, Maranhão, Rio de Janeiro e Sudeste do Brasil fez dessa uma prática lucrativa.

O nosso país tem o status de estar entre os maiores países escravistas do mundo, fato que não deve ser motivo de orgulho, pois as características da escravidão, principalmente nesta terra, eram de dor e sofrimento que se iniciava logo no começo da viagem, onde poucos conseguiam completar a travessia já que as condições eram as piores possíveis. Pelo número de pessoas que chegaram ao Brasil já temos uma ideia de que em relação ao nosso país a necessidade de mão de obra escrava era grande.

**Figura 6 -** Principais rotas do comércio atlântico de escravos para o Brasil do século XVI ao XIX



**Fonte:** Livro “África e Brasil africano” de Marina de Mello e Souza, Editora Ática (2014).

Souza (2014, p. 82), menciona que foi mais ou menos a partir de 1850 que começaram a chegar, com frequência, ao Brasil escravizados trazidos de algumas regiões do continente africano, e que antes disso, esses indivíduos eram levados para Portugal e outros países da Europa. São situações que ocorrem por motivos que são desde o crescimento da produção de culturas no nordeste e o aumento da agricultura no sul, bem como a dificuldade de escravizar os indígenas. Diante essas dificuldades, uma forma de fazer com que o comércio no Brasil não parasse foi oportuno trazer cada vez mais africanos à colônia.

Nesse sentido, Souza (2014, p. 83), ainda destaca três momentos no qual os africanos foram comerciados por portugueses e brasileiros. O primeiro momento que vai de cerca de 1440 a 1580, os escravizados da chamada Alta Guiné, na região do rio Gâmbia, que eram utilizados na abertura de florestas e mineração. O segundo momento que vai de 1580 a 1690, com proeminência do porto de Luanda, neste período também se destaca o grande crescimento da produção açucareira no nordeste do Brasil. O terceiro momento, que vai de 1690 até o final do tráfico, nesta etapa a autora fala que tanto os portos angolanos como os portos da Costa da Mina favoreceram escravos para o Brasil.



Figura 7- Mapa Político Guiné Bissau



Fonte: Internet (2021) Disponível em: <https://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau/>  
Acesso em: 02 jul. 2021.

Figura 8 - Comércio de escravos do século XVI ao XIX



Fonte: Internet (2021) Disponível em: <https://pt.slideshare.net/luiz-menezes/mercado-de-escravos-entre-a-frica-e-outros-continetes-professor-menezes>

Em face do exposto e do projeto comercial escravista, faz-se importante salientar que a comercialização de escravizados era uma prática que dava lucro tanto para as colônias como para as metrópoles funcionando.

A consolidação de um Brasil Afro-Brasileiro passa pela consciência do lugar que viemos, e do lugar em que estamos localizados, ou seja, é a posição na sociedade que nos define, o nosso engajamento em favor de um coletivo que luta pelos seus direitos. Ser afro-brasileiro é lutar para estar ocupando os espaços que lhe são devidos.

É uma consciência política do lugar que queremos chegar que perpassa pela não acomodação, muito já se perdeu em decorrência dos preconceitos raciais, mas quando se chega a um momento como este o que se quer é mudança para que cada brasileiro consiga se reconhecer como pertencente a um país que tem sua identidade constituída a partir da África.



#### 4 FORMAÇÃO CULTURAL MARANHENSE

Com relação à chegada dos africanos no Brasil é sabido que “ao norte do país, pelos portos de São Luís do Maranhão e Belém do Pará, chegaram escravos vindo da Alta Guiné, principalmente, de Bissau e Cabo Verde, mas também da região de Angola.” (SOUZA, 2014, 84). Foi uma grande quantidade de africanos que aportaram no Maranhão, pois com a dizimação do povo Tupinambá, e também pelas doenças que chegaram com os colonizadores, havia a necessidade de suprir a carência de mão de obra.

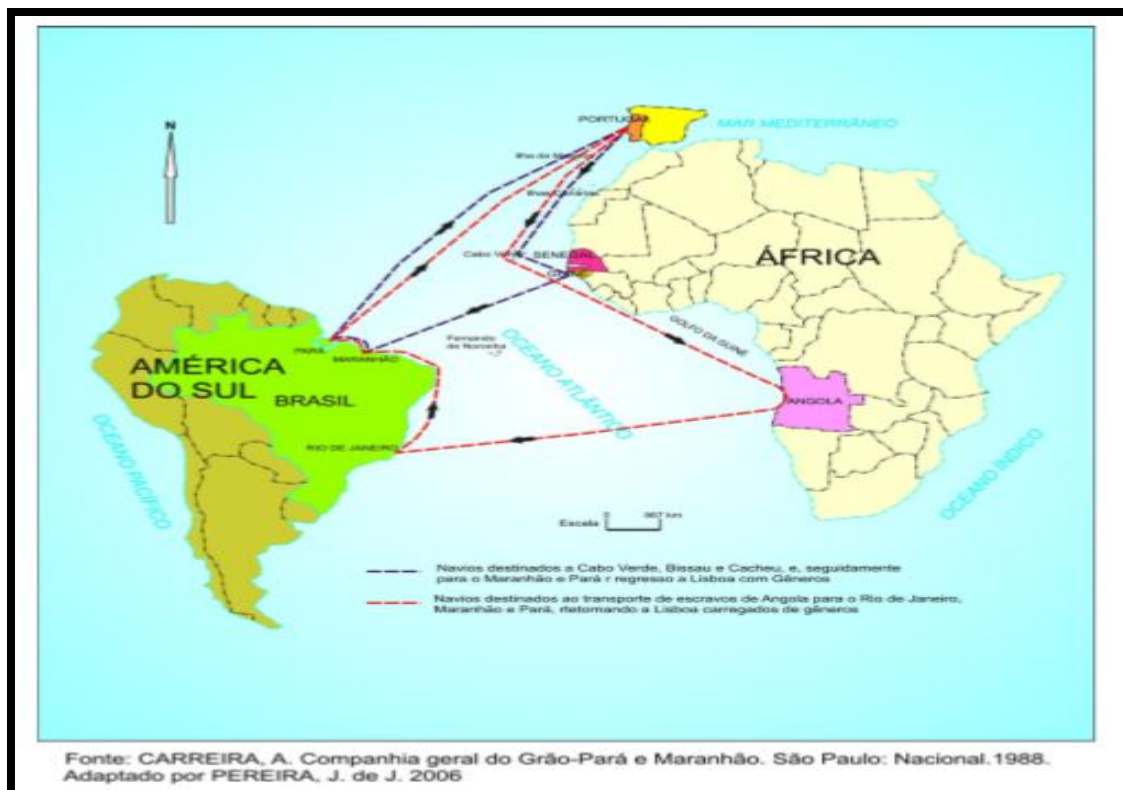
A introdução massiva de escravos africanos mudou radicalmente a estrutura da sociedade maranhense. Em 1798, os escravos negros representavam 47% da população colonial e em 1822 já eram 55%. A população branca, ou supostamente branca, somava somente 16% durante esse período. Portanto, o Maranhão não só se constituía como uma das áreas mais "negras" do Brasil, mas ainda continuava, assim como a Amazônia e o Mato Grosso uma importante região "indígena". (ASSUNÇÃO, 1999, p. 268-269)

É interessante salientar que o Maranhão não era bem visto pela coroa em termos de investimentos fazendo dessa terra um local isolado e sem perspectiva de riquezas. Contudo o cenário vai mudando a partir do momento em que fatores externos vão influenciando sérias atitudes por parte do governo. O Maranhão começa a ser ameaçado por outras nações que tem o desejo de fincar suas bandeiras em solo maranhense.

A situação periférica do Maranhão colonial somente foi alterada com a criação, em 1755, da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão. A empresa, por décadas, dinamizou a economia e a sociedade local, inserindo a região no lucrativo tráfico internacional de escravos e no não menos rentável comércio monocultor (COSTA, 2018, p. 244).

A partir desse momento se começam a entrar no Maranhão mão de obra escravizada trazida da África, dessa forma, nós temos uma mudança radical na conjuntura maranhense, ou seja, com a entrada de culturas diferentes todo o sistema vai se modificando, pois os hábitos, religiões, línguas e as mais diversas expressões passam a fazer parte dessa terra. As fazendas são os grandes absorvedores dessa farta mão de obra que vai impulsionar a economia, a introdução dessa mão de obra vai tirar o Maranhão do isolamento e possibilitar com que o estado se torne uma promessa economicamente.

**Figura 9:** Rota dos navios da Companhia do Grão-Pará e Maranhão



A entrada de africanos no Maranhão era algo corriqueiro, devido à necessidade crescente que aumentava a cada dia, não só vinha escravizado trabalhar nas fazendas como os produtos produzidos na região, que eram de grande valor, iam em direção aos grandes centros e se tornavam uma forma de manter a metrópole sempre abastecida.

Assim, “nesse contexto, a capital maranhense tornou-se um dos quatro mais importantes entrepostos comerciais da América Portuguesa, canalizando boa parte do fluxo de entrada de escravos e da saída de produtos das capitânicas do Norte”. (COSTA, 2018, p. 252). São épocas que devem ser estudadas, pois dentro dessa conjuntura de riqueza que tornavam os donos das terras sempre mais ricos contrasta com um Maranhão em que os problemas sociais só iam aumentando.

Barros (2010), ao analisar o processo de formação de identidade maranhense, em meados do século XX, nos diz que:

Enquanto se afirmam positivamente algumas – inventadas – heranças europeias maranhenses, se anunciam pejorativamente e se perseguem as práticas que na época eram identificadas como heranças de África e dos povos nativos, a exemplo dos bumbas e dos variados tambores. O bumba-meu-boi é proibido de ser realizado ou de ir ao centro das cidades, particularmente da capital do estado, por que seria barafunda de pretos e da dita semibárbara caboclada. Na década de 1940, ainda se denuncia que o Maranhão é um Estado débil e doente resultado do sangue de negros e índios

circulando nas veias dos regionais, algo que só a imigração europeia poderia sanar. (BARROS, 2010, p. 192).

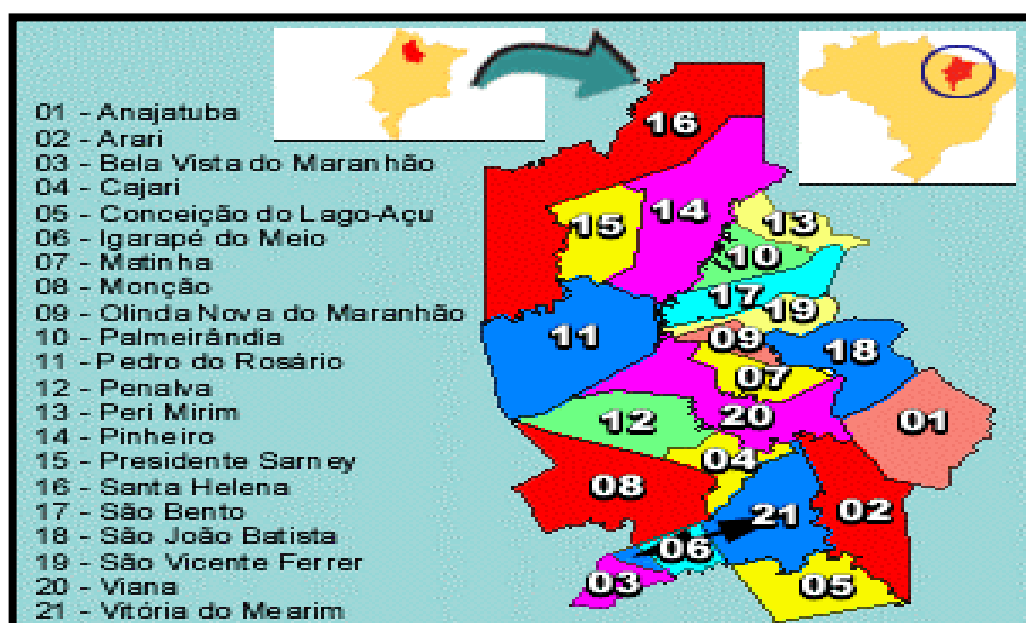
De fato, o que temos é um Maranhão que preferiu manter por séculos o seu ditame colonialista, do que se abrir para entender a real formação do seu povo, a herança deixada pelos africanos até então não fazia parte da formação cultural maranhense, mas a cultura europeia parecia ser a mais viável para essa sociedade.

Mesmo com todos esses empecilhos percebe-se que a História e cultura brasileira e maranhense continua a ecoar seus tambores, fazendo de suas práticas uma constante luta contra uma visão colonialista ultrapassada que não soube educar de forma consciente a sua própria sociedade.

#### 4. 1 História e cultura afro-brasileira na baixada maranhense

A Baixada Maranhense é uma região que fica a Oeste e Sudoeste da capital São Luís–MA, seu nome faz referência ao fato de estar em uma região de baixo relevo, em que na época das chuvas se criam grandes lagos com uma variedade de pescados que mantém o sustento de muitas famílias. É uma região com 21 municípios, onde sua economia se baseia principalmente no extrativismo vegetal (babaçu) e na pesca com seus abundantes rios que, como mencionado anteriormente, tem seu nível elevado na época das chuvas. (IBGE, 2010).

**Figura 10 - Mapa da Baixada maranhense**



**Fonte:** Internet (2021) Disponível em: <http://ronaldddealmeidasilva.blogspot.com/>  
 Acesso em: 05 ago.2021.

Conhecer a história da Baixada Maranhense não é um itinerário dos mais fáceis, à medida que avançamos nas pesquisas, nos são mostrados resultados promissores em relação ao seu povo, podemos dizer que é uma região que tem muito a nos ensinar enquanto lugar que representou para o estado, e para o Brasil, um perfil econômico forte.

São caminhos que devemos trilhar em vista de mantermos os nossos conhecimentos atualizados a respeito dessa região, dessa forma, é um constructo que pode abrir possibilidades de pesquisas e análises em torno daquilo que temos enquanto conhecimento escrito e publicado, bem como o interesse em fontes orais que são uma das nossas grandes riquezas e que necessitam ser exploradas.

A presença africana transformou o Brasil e no Maranhão não foi diferente, nessa terra se cunhou saberes e práticas que estão entranhados até a presente data, mas necessitamos conhecer o que temos para poder mudar a nossa concepção sobre nossos costumes e, assim, valorizar aquilo que temos e somos.

Arana (2016), fazendo diálogo entre as culturas que vieram da África assinala que as matrizes culturais africanas, em contato com as culturas originárias da América e as europeias, resultaram nas culturais afro-americanas que sobrevivem até os dias de hoje. Isso nos leva ao conhecimento de que temos no Brasil, no Maranhão e na Baixada Maranhense, expressões culturais que se originaram neste país, tiveram fortes influências das culturas de matriz africana, fato que torna ainda mais salutar adentrarmos esse universo em vista de obter cada vez mais conhecimento a respeito de determinados comportamentos que são encontrados hoje.

Um dos exemplos de expressão cultural afro-brasileira é o bumba-meu-boi, uma das maiores expressões da cultura popular maranhense. Arana (2016), ao falar de um dos personagens desse enredo diz que:

A personagem do Cazumbá foi criada pelas sociedades afrodescendentes e indígenas da baixada maranhense, nordeste do Brasil, para as festas de São João. Possui uma máscara que representa um animal de grandes orelhas semelhante a um elefante. O vestuário é composto por uma bata de veludo totalmente bordada e decorada, a qual é confeccionada por artistas especializados nesse ofício, tais como o mestre Abel Teixeira, que dedicam o ano na elaboração de modelos únicos de vestuários. (ARANA, 2016, p. 119).

As tradições culturais contam as histórias do seu povo, aquilo que se representa na teatralidade são características de um determinado período, dessa forma, estar atento para tais expressões pode dizer muito sobre a sua história. Quando esses fatos são dimensionados com

seu grau de importância, ao serem desvendadas as bases que iniciam na África, ocorre um movimento positivo de resgate de uma identidade que não teve o seu devido reconhecimento.

O custo de dimensionar positivamente a região da Baixada Maranhense através dessas expressões é muito salutar, pois cada vez mais o povo se engrandece através de costumes que são ricos em detalhes e saberes. É um trabalho conjunto de ensinar o público em geral que temos uma história e cultura que foi se criando e se afirmando com o objetivo de fazer com que o povo vivesse e não esquecesse os seus costumes.

Além do bumba-meu-boi, o tambor de mina e o tambor de crioula são outras expressões histórico-culturais fortemente enraizadas na Baixada Maranhense, como forma de resistência de uma época em que a manifestação religiosa não era permitida, essas práticas davam um alento para aqueles que não tinham mais a sua terra, com isso, se deixou para as gerações posteriores ensinamentos que devem servir de base para todos os que virão depois.

#### **4. 2 A importância da História de Santa Helena**

É importante salientar a história do município de Santa Helena dentro de toda essa representatividade que discute a presença da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira como construtora de uma sociedade que cresceu tendo a sua origem baseada na perspectiva indígena, mas que ao longo do tempo não conseguiu manter a sua história a partir dessa fonte tão necessária ao ponto que o povo se reconhecesse dentro desse conjunto de costumes que ainda existem na cidade.

A cidade de Santa Helena está localizada na Baixada Maranhense no norte do Maranhão. Cidade com aproximadamente 42 mil habitantes segundo os últimos dados do IBGE (2010), é banhada pelo rio Turiaçu que é uma importante via de acesso para diversas regiões, principalmente para os povoados que no período das chuvas (nos meses de dezembro a junho) se torna a rota principal de locomoção para esses lugares.

Embora Santa Helena tenha ganhado status de município apenas em 1935, sua história pode ser contada desde muito antes, através de vários escritos ou registros de incursões que se faziam na época, em que o lugar era uma vila e que por estar a margem direita do rio Turiaçu se tornava um importante entreposto que dava acesso para outras regiões.

Dentre os registros a cerca de Santa Helena podemos destacar a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros que vai trazer o histórico do município onde diz de início que “por concessão de sua Majestade fidelíssima ao índio Pedro Alves, como principal de sua aldeia, foi assentada a povoação, na margem direita do rio Turiaçu, 15 léguas ao S.O. de Guimarães,

em terras de sesmaria”. (FERREIRA, 1959, p. 311). Essa informação se soma a outras que vem informando a partir das incursões, principalmente de Antônio Bernardino Lago, em relação às dificuldades que a região vinha passando no momento em que os registros eram feitos. Assim podemos destacar o trecho em que é dito que:

A respeito da povoação, escreveu o coronel Lago em seu itinerário o seguinte: "Desgraçada povoação! miserável ajuntamento de escravos! Esta povoação, que no princípio era aldeia de índios do Laranjal, de onde para aqui a fêz passar o Exmo. D. Fernando Antônio de Noronha, está à beira do rio Turi e sôbre a sua vazante 34 palmos: é um quadro de 40 braças com pequenas choupanas de palha, e em um dos lados a capela também coberta de palha; consta de 28 fogos e cerca de 150 almas, em que já hoje poucos índios entram, um comandante parcial etc. (FERREIRA, 1959, p. 311).

A região em que Santa Helena está localizada tem vários registros de incursões e alguns são de conhecimento público, pois estão preservados e são disponibilizados para a população. É notório perceber nesses registros que os conflitos que ocorrem na localidade são registrados, pois é um fato que vem chamando a atenção das autoridades.

Santa Helena é uma porta de entrada para a região do Pará, com isso vamos ter uma grande quantidade de pessoas se deslocando pelo lugar e assim, causando conflitos pelos mais diferentes motivos existentes, que se dão principalmente pela ausência do poder público que possa intensificar uma organização dentro da localidade.

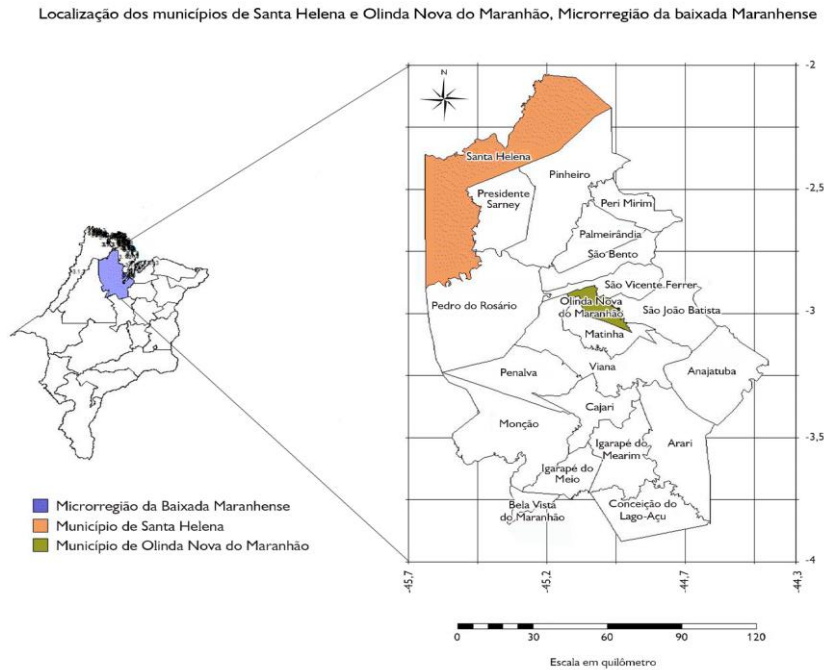
Importante destacar também a forma pejorativa ao falar dos lugares em que os escravizados se encontram, isso demonstra e aparece em outros registros que os quilombos vêm incomodando os fazendeiros, bem como a presença de indígenas que são colocados como pessoas selvagens. Assim, temos em Santa Helena uma série de problemas que precisam ser solucionados, pois a escassez de alimentos no momento em que a incursão passa demonstra que essa ainda é causadora de grande parte dos conflitos existentes na região.

Necessitamos saber filtrar essas informações, a fim de construirmos uma história que possa contar de forma organizada, sem o viés que trata os escravizados e os indígenas como selvagens, pois enquanto existir alguém justificando roubos e demais crimes para jogar a culpa em quem não pode se defender a nossa história não consegue crescer.

Sendo assim, a cidade de Santa Helena como podemos perceber no mapa abaixo tem sua importância na região e carrega no seu chão o peso de ser palco de importantes episódios que contam a sua história muitas das vezes de forma equivocada. Mas temos a chance de mudar para melhor e com isso, poder justificar uma série de acontecimentos que tiraram a sua essência.



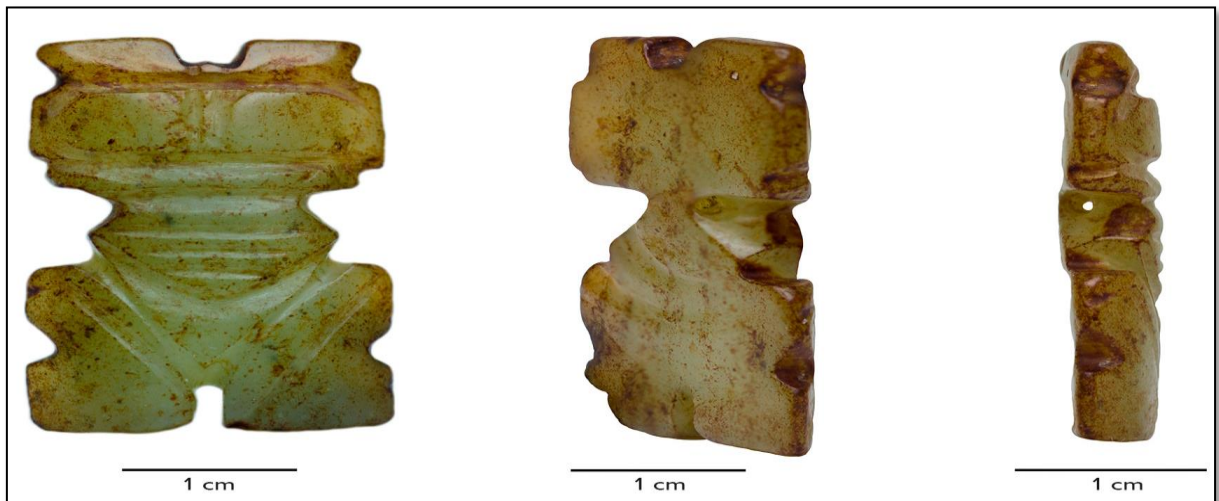
**Figura 11 - Área geográfica das estearias.**



**Fonte:** Navarro (2013).

Porém, é importante frisar uma série de estudos que vem sendo feito no município de Santa Helena, no sentido de saber ainda mais da importância que esse lugar pode contribuir para com as civilizações que existiram na Amazônia, pois o município através de achados arqueológicos concentrou importantes moradas em períodos primitivos e se sabe nos dias de hoje que são fatos comprovados por conta de achados arqueológicos no lugar chamado “boca do rio”.

**Figura 12.** O muiraquitã localizado no sítio Boca do Rio: A) visão de frente; B) visão de trás (detalhe para a área de abrasão); C) visão de perfil. Altura máxima do espécime: 2,92 cm. Fotos: Áurea Costa (2016).



**Fonte:** Navarro (2013)



Esse achado arqueológico, coloca Santa Helena e a região, como um caminho em que podemos explicar a presença de significativas civilizações que mantiveram por muito tempo suas moradas nas imediações do município, assim sendo, quando partimos para entendermos a formação do lugar devemos ter em mente que a concentração de vestígios que contam uma história está para comprovar o quanto de conhecimentos ainda tem para construir.

É explicada a importância desse achado quando é dito que:

A tremolita-actinolita, material com o qual foi confeccionado o muiraquitã da Boca do Rio, não existe na região das estearias, não tendo sido até agora documentado no Maranhão, nem na época pré-colonial, nem na atualidade. Por esta razão, a descoberta do artefato em contexto arqueológico, isto é, proveniente de coleta sistemática resultante de ação de prospecção intrassítio, é algo extremamente raro na arqueologia das terras baixas da América do Sul, e coloca em evidência os debates acerca dos aspectos sociais... (NAVARRO, et al., 2017, p. 886).

Tem-se em mãos um campo para estudos que podem ser ampliado a cada dia, pois essas peças que hoje fazem parte de acervos e estão sendo estudados a nível maior fora do município precisam também ser de conhecimento de todos. À medida que esses conhecimentos avançam cada vez mais vamos construindo uma sociedade que consegue ter um sentimento de pertença com a sua história, ou seja, deve surtir um efeito positivo que eleva a valorização com o que é próprio do seu povo.

Através desses achados se constata um volume significativo de deslocamento de povos na região, e assim, possibilita pensar o quanto ainda se pode construir conhecimentos a partir dessas civilizações que cunharam no seu tempo formas de relacionamento com povos que viajam através do rio Turiaçu. É um início promissor para falar da história de Santa Helena, pois assim, estamos construindo uma narrativa que diz sobre fatos realísticos da localidade que deve estar sempre em construção.

Nessa perspectiva, são diversos fatos que poderíamos trazer para contar a história dessa que hoje é a cidade de Santa Helena, mas deixamos em aberto essa possibilidade de dialogar em cima dessas informações que temos. Localidade que se desenvolveu as margens direita do rio Turiaçu e que carrega no seu meio uma série de mensagens que a cada dia são desvendadas.

Dessa forma, é um início promissor pensar a cidade por algo positivo e assim, desmistificar os acontecimentos que deixaram um sentimento negativo a respeito da região. Nos próximos passos teremos a oportunidade de aprender um pouco mais da localidade a partir de uma perspectiva negra em que essa representatividade através de muito suor soube se

mantiver de pé e dentro da cidade consegue nos dias de hoje preservar a sua cultura ao contar a sua história.

#### **4. 3 Presença africana a partir do Tambor de Mina**

A perspectiva cultural-religiosa encontrada na Baixada Maranhense, através do Tambor de Mina, diz muito sobre a realidade presente na região e nos possibilita perceber o quanto a presença africana não pode ser negada ou discriminada sem ter a possibilidade de entender as suas estruturas. Uma vez que essas manifestações fazem parte do itinerário religioso de um povo que busca preservar as suas origens, através dessa prática ritualística e fundamental para direcionar a perspectiva de que devemos olhar para a religião africana e afro-brasileira com outra perspectiva.

A pesquisadora Marilândia Abreu (2021), ao pesquisar dois grandes autores que falam sobre o Tambor de Mina, Mundicarmo Ferretti e Euclides Ferreira, esboça um intenso diálogo de divergências e encontros que nos levam a fazer importantes análises a respeito do assunto. Através dessas análises é nos dito que:

Tanto o texto de Mundicarmo Ferretti como o texto de Euclides Ferreira contêm elementos extraídos de um tipo ideal de tambor de mina que se estabeleceu, tanto no campo intelectual como no campo religioso afro-maranhense, a partir de duas casas de mina fundadas em São Luís: a Casa das Minas e a Casa de Nagô. Diante dessas duas casas, ou do que se estabeleceu como tipo ideal a partir delas nos estudos sobre o tambor de mina, os escritos da pesquisadora e do pai de santo entram em disputa, confrontam e rivalizam. Porém o fazem apoiando-se nos mesmos acontecimentos e narrativas que ligam o tambor de mina à África, mostrando assim as diversas possibilidades de diálogos e interpretações decorrentes do trabalho de campo. (ABREU, 2021, p. 233).

É uma gama de possibilidades que ao ser analisada o pesquisador confronta com um universo totalmente diverso daquilo que foi colocado para a sociedade como fato, ou seja, a religião africana que fora trazido para o Brasil, a partir do tráfico de escravos, conseguiu resistir a todas as formas de racismo e preconceito ao longo de décadas sabendo que suas práticas religiosas não poderiam de forma alguma ser silenciado por um sistema que desejava suprimir da existência de um povo e sua ancestralidade.

São narrativas e acontecimentos que provam a presença africana como dinamizadora de toda uma construção que remete a diálogos entre o Brasil com o continente africano. Quando comprovamos que essa ponte existe, estamos firmando uma conversação essencial na construção de trazer para mais perto a nossa identidade. Assim, o tambor de Mina firma a sua perspectiva historiográfica, bem como religiosa nas tradições africanas.

**Figura 13:** Tambor de Mina, durante o Festejo do Divino Espírito Santo na casa de D. Zizi, Santa Helena – MA.



Fonte: Internet. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/145891713953058>

**Figura 14:** Tambor de Mina, durante o Festejo do Divino Espírito Santo na casa de D. Zizi, Santa Helena – MA.



Fonte: Internet. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/145891713953058>

Com forte presença e sempre atuando na direção das festas que tem representação da cultura afro-brasileira e africana, Alzira Silva Gomes mais conhecida como Dona Zizi é um exemplo de empenho quando o assunto é a responsabilidade de conduzir uma tradição que vem de família. Localizado no centro da cidade de Santa Helena, a sua casa recebe duas vezes

ao ano pessoas de diferentes lugares, bem como seus familiares que lhe acompanham para juntos manifestar suas homenagens frente aos santos de devoção e as entidades do candomblé.

No mês de janeiro a casa de Dona Zizi promove três noites de festa, onde inicia com o toque de caixa para o Divino Espírito Santo, no segundo dia é a vez do Tambor de Crioula e encerra com o Tambor de Mina, nessa ocasião o homenageado é o Divino Espírito Santo. Já no mês de agosto são duas noites que inicia com Tambor de Crioula e encerra com o Tambor de Mina, nessa festa o santo homenageado é São Benedito.

Sem dúvida é uma tradição que merece uma atenção maior justamente por agregar dentro de suas estruturas uma quantidade de elementos que dizem de forma clara sobre a forte presença que preserva a ancestralidade de povos que viveram e desenvolveram dentro do município a cultura africana.

O Tambor de Mina coloca no centro do debate a importância que tem ao entender a cultura e a religião de matrizes diversas que está perto da nossa realidade. “Nenhuma identidade é constituída no isolamento, pelo contrário, ela é negociada durante a vida toda, por meio do diálogo com os outros. No Estado do Maranhão, a diversidade de manifestações folclóricas atribui à cultura popular o caráter de “identidade” regional”. (MARTINS, 2019, p. 104).

As palavras da pesquisadora Dayse Marinho Martins, nos coloca na perspectiva de fazer com que a educação seja essa fórmula que leva os estudantes a perceber a sua identidade desde a infância, ou seja, esse tipo de conhecimento não será algo estranho a medida que o tempo vai passando, com isso, a quantidade de manifestações que existem no Maranhão não podem passar despercebidas durante a vida escolar de um indivíduo.

A nossa prática reflexiva quando busca entender os saberes que existem em nossa sociedade devem se sustentar no diálogo constante com a nossa historiografia, pois temos no debate de textos que foram feitos por pesquisadores diferentes em relação ao Tambor de Mina que o “discurso de ambos se sustenta numa igualdade de saberes e conhecimentos organizados por meio das relações entre o tambor de mina, a ancestralidade africana e a escrita etnográfica, relações construídas através do trabalho de campo”. (ABREU, 2021, p. 240).

O que podemos e devemos compreender é que essa manifestação religiosa e cultural estava presente na vida das cidades, onde os terreiros são encontrados, contudo ficaram invisíveis para as demais pessoas que não entendiam essa prática, mas a partir do momento que temos o interesse da pesquisa em buscar apreender os porquês dessas expressões artísticas, cultural e religioso que não aparecerem para a sociedade é que se vai dando sentido

para o conjunto de narrativas que fizeram essa prática se tornar não evidente para um maior número de pessoas na sociedade.

#### **4. 4 Presença africana a partir do Tambor de crioula**

Reconhecer essas expressões artísticas, culturais e religiosas como formas de resistência, frente a todo um conjunto de narrativas que tentaram diminuir a sua importância, traz para o nosso tempo um modelo de vivência possível de aceitação ainda maior para as novas gerações. O Tambor de Crioula é essa outra prática artística e cultural que faz referência a ancestralidade africana ao misturar as suas danças e músicas com a reverência aos santos do catolicismo.

Com todo esse conjunto de fatores se criou uma arte que resistiu ao doloroso período de escravidão tornando a sua cultura presente frente as mais difíceis situações. A partir dessa resistência que temos no Maranhão, uma arte reconhecida como patrimônio de todo o povo brasileiro, pois dentro de sua estrutura está sendo contadas as histórias das gerações que ficaram no passado e contribuíram para que fosse possível sabermos dos passos que cada indivíduo e grupos trilharam para manter viva uma tradição.

O tambor de crioula, prática cultural de origem afro, foi considerado Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro em 18 de junho de 2007 e dessa forma foi inscrito no livro de registro como um bem singular pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Desse modo foi entendida como uma manifestação que representava parte da identidade cultural do Maranhão, visto a diversidade de práticas culturais populares existentes na região (MONTELES, 2017, p. 384).

O reconhecimento de uma prática cultural como o Tambor de Crioula, por parte dos órgãos governamentais, demonstra que esse é o caminho que deve ser seguido principalmente em fazer com que todos na sociedade saibam também ver com bons olhos essa expressão que é nossa.

No atual cenário, a disposição de fazer com que toda essa narrativa seja compreendida deve ser responsabilidade de todos que de alguma forma buscam o conhecimento, que aprofundam as fontes, e assim, tornam evidentes dentro do campo realístico o que realmente se quer passar com essa arte. É uma representação que manifesta a identidade do Maranhão,

No caso do tambor de crioula, envolvia um patrimônio imaterial cujos elementos em jogo eram relativos aos bens simbólicos, que por sua vez representou a identidade cultural de um estado que reconhecia a existência de



um grupo e de sua prática cultural que sobreviveu às margens da sociedade. (MONTELES, 2017, p. 385).

No Tambor de Crioula a narração se dá através da dança realizada pelas coreiras que dentro da roda se relacionam uma com as outras pelos gestos, gritos e acenos, bem como o papel dos homens ao manusear os instrumentos desde o preparo ao redor da fogueira, para afinar os tambores, até o momento de dar vida à apresentação com os toques ritmados e cantos que envolvem todos que estão presentes.

João Soares Júnior, ao fazer sua pesquisa intitulada “Porânduba helenense: uma panorâmica do espaço, origem histórica e cultura de Santa Helena do Turiaçu”, menciona que no município existem diversos grupos de tambor de crioula espalhados pelos bairros da cidade, dentre eles têm Tambor de Crioula de D. Zizi, Tambor de crioula de D. Macica, tambor de Crioula de Lourenço Pinto. (SOARES JÚNIOR, 2019, p. 2).

**Figura 15:** Tambor de Crioula durante o Festejo do Divino Espírito Santo na casa de D. Zizi. Santa Helena - Ma



**Fonte:** Internet. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/145891713953058>

**Figura 16:** Tambor de Crioula durante o Festejo do Divino Espírito Santo na casa de D. Zizi. Santa Helena - Ma



**Fonte:** Internet. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/145891713953058>

São grupos em diversas regiões que congregam os seus saberes em torno de algo único que é a sua ancestralidade, a Mãe África é o elo que deve sempre existir para que cada pessoa que ainda não se sinta pertencente a essa história tenha como se encontrar em meio a esse conjunto de narrativas que são evidenciadas quando a brincadeira inicia.

É importante salientar que o Tambor de Crioula também sofreu com todo o arcabouço regimental de instituições que desejavam que os negros não tornassem suas manifestações evidentes na sociedade. “Estabelecia-se, dessa forma, uma dualidade cultural relativa às relações de dominação social: os saraus nos salões e nas residências; os sambas, lundus e batuques nos terreiros”. (ROCHA, 2014, p. 375).

Era uma dualidade que mostrava a cara de um país que sabia segregar a sua população mediante as forças do Estado, com isso, dificilmente se poderia resistir aos desmandos que não queriam com que as culturas e religiões que tivessem a sua base na matriz africana se instalassem nos centros, eram necessárias que elas ficassem nas periferias.

#### **4. 5 Presença africana a partir do Bumba-meu-boi**

No mês de Junho a partir do dia 13, data que se celebra um dos santos mais populares do catolicismo, o Maranhão se vê motivado a viver o São João. Uma das principais manifestações culturais dessa época é o Bumba meu boi. O Bumba meu boi é a representação que conta a história de Pai Francisco e Catirina, estando ela grávida tem o desejo de comer a língua do boi, o seu esposo não querendo que seu filho nasça com cara de boi vai lá e corta a



língua do animal que morre. É um grande teatro que envolve diferentes personagens em torno do enredo, pois o Pai Francisco tem que prestar contas com o fazendeiro.

O Bumba meu boi é uma manifestação cultural configurada em um autoperformante religioso que mistura influências diversas: indígenas, ocidentais e africanas, simbolizando as principais etnias formadoras do povo brasileiro, num relato popular e dramatizado das relações sociais patrão-subalternos – para celebrar a fé e a devoção a Santos do catolicismo, em especial, São João, Santo Antônio, São Pedro e São Marçal. (SILVEIRA, 2014, p. 9).

O bumba meu boi não pode ser entendido apenas através do espetáculo que aparece em suas apresentações, pois se fazemos isso estamos reduzindo toda uma história que é contada. Na atualidade é uma bonita festa que atrai visitantes de todo mundo que desejam conhecer a alegria que transcende nas toadas, adereços que brilham para mostrar que a brincadeira quer tornar esse momento alegre para todos que estão presente.

São diversos sotaques no Maranhão que dependendo da região eles se diferenciam, “os grupos de Bumba meu boi encontram-se divididos em cinco principais sotaques: de matraca ou da ilha, de zabumba, Pindaré ou da baixada, Cururupu ou costa-de-mão e de orquestra”. (MARTINS, p. 111, 2019).

Quando o espetáculo referencia o passado, é colocado em discussão um conjunto de narrativas de um povo que dentro da sua região, e a partir da percepção de quem conta, vai dando vida para a realidade que se viveu. Esses diversos sotaques fazem parte de regiões distintas do Maranhão e cada um a seu modo conta a sua história mediante aquilo que seu povo foi expressando, com isso os diversos sotaques são maneiras diferentes de fazer a brincadeira e que são fruto dos ensinamentos repassados de uma geração para outra.

São características interessantes, temos um espetáculo que gira em torno da morte do boi, mas foi se configurando em práticas diversas cantadas com instrumentos musicais africanos. O som, a dança e as indumentárias são a prova viva de uma época que foi se consolidando e criando um pertencimento para a região em que vive, é um encontro de gerações que dispõem para fora do seu círculo a memória de um povo.

Vamos dar destaque ao sotaque que é típico da Baixada Maranhense, o sotaque de zabumba, um ritmo que emprega em suas canções a oralidade presente de um vaqueiro que desejou o boi mais cobiçado do patrão, como desfecho temos a luta de tentar desfazer toda essa situação para assim não ser punido com as mais dolorosas penalidades que poderiam ser empregadas para uma pessoa que não fazia parte da elite de fazendeiros.

Gisele Soares de Vasconcelos destaca em sua pesquisa importantes elementos do “Boi de Lourenço Pinto”, de Santa Helena. Esse espetáculo de sotaque de Zabumba contém todos os elementos possíveis de análises para compreendermos a dinâmica da brincadeira a partir da Baixada Maranhense, ou seja, o que faz o “auto” ser própria do lugar.

A autora assinala que “a dimensão simbólica, preservada nos subterrâneos de sua memória, revividas anualmente nas festas, nos mitos e nos ritos; a sua experiência, suas narrativas e sua história de vida servem, nesse sentido, lembrando uma lição retirada do Teatro das Memórias Sociais”. (VASCONCELOS, 2007, p. 60).

A principal memória social adquirida, e que fundamentam essa festa, é a de um tempo em que as dificuldades ocasionadas pelo período de escravidão acarretavam profundas dificuldades, assim, nós temos “Seu Lourenço Pinto” narrando de forma alegre a dor do seu povo, contando de forma lúdica uma época de dificuldades.

**Figura 17:** Bumba Meu Boi de Lourenço Pinto “Capricho da União” se apresentando durante o São João.



**Fonte:** Internet. Disponível: <https://www.facebook.com/kemyowen.ferreira.5>

**Figura 18:** Bumba Meu Boi de Lourenço Pinto “Capricho da União” se apresentando durante o São João.



**Fonte:** Internet. Disponível: <https://www.facebook.com/kemyowen.ferreira.5>

**Figura 19:** Bumba Meu Boi de Lourenço Pinto “Capricho da União” se apresentando durante o São João.



**Fonte:** Internet. Disponível: <https://www.facebook.com/kemyowen.ferreira.5>



**Figura 20:** Bumba Meu Boi de Lourenço Pinto “Capricho da União” se apresentando durante o São João.



**Fonte:** Internet. Disponível: <https://www.facebook.com/kemyowen.ferreira.5>

Gisele Soares de Vasconcelos, analisa que:

O Boi de Seu Lourenço Pinto, “Capricho de União”, *sotaque de zabumba*, incorporou novos toques, inspirado nos bois de sotaque de orquestra, pois muitos de seus cabeceiras cantam também em *bois de orquestra*, em povoados e municípios próximos de Santa Helena. Atualmente, o boi de Seu Lourenço possui, como ele mesmo diz, o ritmo lento da zabumba e o ritmo das tapuias, que é mais acelerado, remetendo ao ritmo, tocado nos bois de orquestra. Sobre a incorporação desse novo ritmo, que contou também com a inclusão do instrumento *ritinta*, ele explica: “é pra incentivar e motivar mais a brincadeira”. (VASCONCELOS, 2007, p. 61).

A presença africana está contida no espetáculo que Lourenço Pinto elabora, ele está contando através desse teatro a vivência do seu povo que em Santa Helena vive, mas que foram beber em outras fontes para aprender e ensinar em vista de não deixar com que essa festa seja esquecida e nem que a realidade do seu povo que viveu períodos desafiadores desapareça.

Quando buscamos experiências de levar a cultura popular para dentro da sala, nos deparamos com projetos que tem experiências positivas, assim fez a pesquisadora Dayse Marinho Martins, com o projeto “Bumaletrando: cultura maranhense e ensino de História na Educação Infantil”, a partir dessas ideias percebemos que podemos ter significativos frutos ao levar essas ideias para dentro da escola.

No âmbito do projeto Bumaletrando, a abordagem do conhecimento histórico vinculada a elementos do Bumba meu boi estimulou a apreciação da historicidade e da cultura, substituindo a transposição didática centrada em fatos isolados que evidenciam uma prática tediosa no cotidiano escolar. Assim, contribuiu para a formação de uma percepção contextualizada da realidade social.

A vivência da prática ocorre, portanto, por meio de seqüências didáticas realizadas a partir de pesquisas, desenhos, escritas espontâneas, leituras sobre o tema, oficinas, palestras, rodas de conversa, dramatizações e análise de vídeos, priorizando a ludicidade no contexto da cultura popular maranhense. (MARTINS, 2019, p. 116).

A cultura popular maranhense quando levada para dentro da escola eleva a estima de quem vive na região ao ver a sua história sendo representada e que de alguma forma dar significados para cada elemento que é encontrado. A partir do momento que levamos o estudante a conhecer a sua história, os estereótipos que foram passados como conhecimentos, e que erroneamente foram sendo reproduzidos também pelos canais educacionais, são desconstruídos.

São muitos projetos que também podemos desenvolver quando buscamos conhecer mais, quando a nossa cultura é vista por outros olhos, passamos a valorizar aquilo que temos presente em nosso meio, pois durante muito tempo a nossa percepção de valorização era pautada no que vinha de fora, e assim, o que tínhamos aqui era visto como atraso e não digno de atenção. São práticas que devem ser vivenciadas através do ensino e aprendizagem e, assim, vão ganhando sentido para toda a comunidade escolar.

#### **4. 6 Presença africana a partir dos Quilombos**

Neste tópico, destacamos outra matriz da presença africana na Baixada Maranhense que são os Quilombos, região que no passado concentrou comunidades de pessoas que fugiam das fazendas, sobretudo, na segunda metade do século XIX, hoje ela representa uma das regiões do Estado com maior número de comunidades remanescente quilombolas (ALMEIDA, 2013).

Dessa forma, “através das fugas e formação de quilombos, celebração de rituais com tambores e marimbas, recriação de uma culinária, e renovação de relações de parentesco e modelos de família, as culturas africanas foram renovadas”. (ARANA, 2016, p. 111). São situações que contam suas conquistas, pois a afirmação de um povo perpassa por essas ideias de trazer para o centro dos debates enredos que por muito tempo ficaram à margem da sociedade.

Entre a ascensão da economia do algodão e a abolição do cativo, a escravidão de negros africanos e de seus descendentes foi fator estruturante da economia e da sociedade do Norte do Maranhão. Com destaque para sua utilização nas fazendas de algodão, açúcar, arroz, na criação de gado e em obras e serviços dos centros urbanos, os negros escravizados se concentraram em São Luís, Alcântara, Caxias, nos vales dos rios Itapecuru e Mearim e no litoral e Baixada ocidentais, contribuindo decisivamente, inclusive, para o funcionamento do mercado interno. (COSTA, 2018, p. 251).

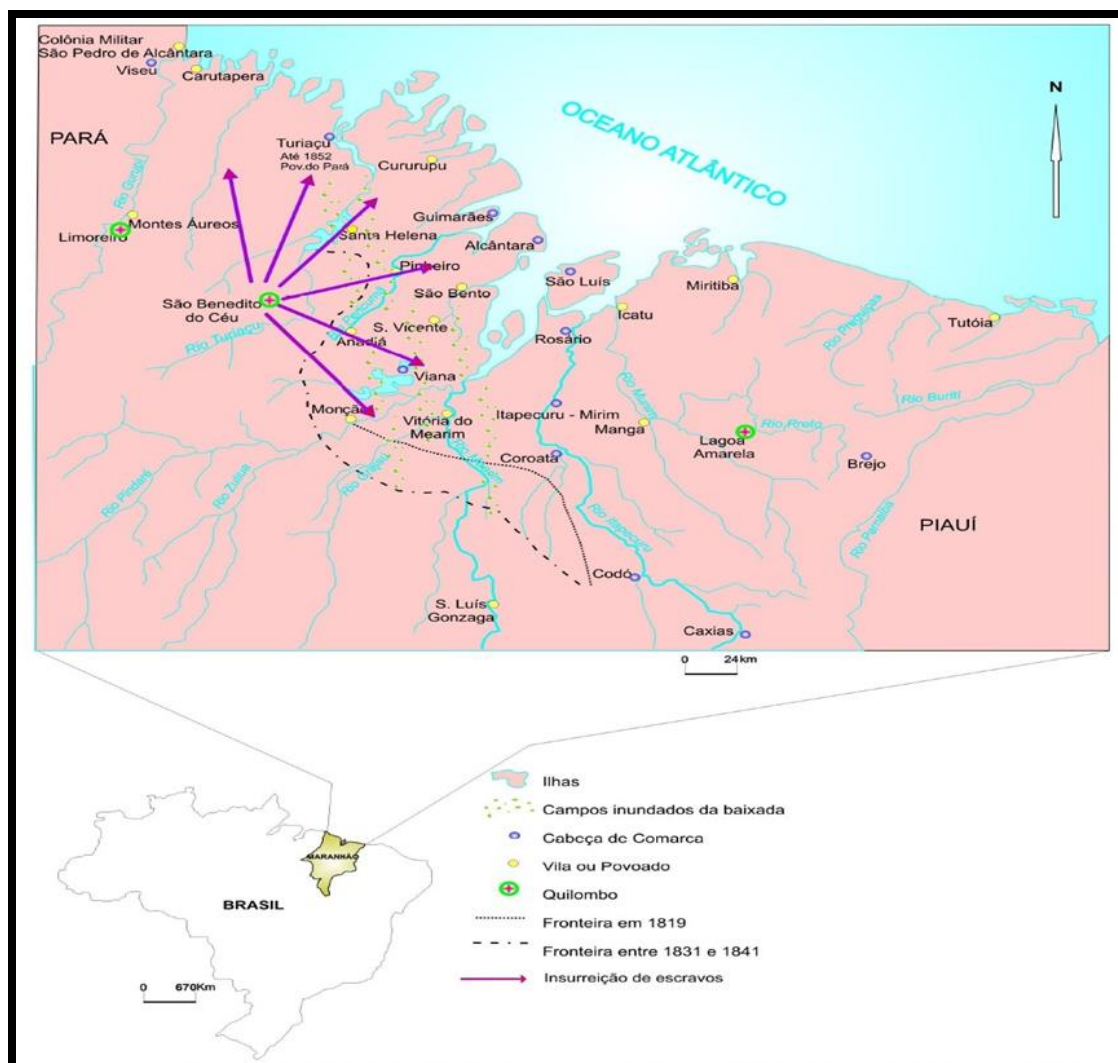


A chegada dos africanos na Baixada maranhense impulsionou a economia no norte do Estado, a mão de obra escravizada deu aos donos de fazendas, e as pessoas que comercializavam vidas, importantes riquezas a partir dessa prática de comercializar pessoas e, assim, explorá-las. Assim, temos a entrada de grande quantidade de africanos na Baixada maranhense, a partir dessa necessidade de fazer com que as fazendas se mantivessem funcionando visto que a necessidade de mão de obra era grande.

Na região da Baixada Maranhense o estopim desse levante “que aconteceu em Viana no ano de 1867 em que centenas de pretos aquilombados saíram dos seus refúgios e ocuparam, simultaneamente, diversas fazendas localizadas nos centros daquela comarca” (ARAÚJO, 2014, p. 41).

Tendo como ponto de partida a fazenda Santa Bárbara que teve suas estruturas abaladas quando os quilombolas de São Benedito do Céu fizeram com que os escravizados fugissem em massa buscando refúgio em outras regiões, vivendo esse conflito “o levante durou cerca de um mês, até ser organizado, a partir da capital e de outras cidades da Baixada, um aparato capaz de o aplacar” (COSTA, 2018, p. 258). São intensos conflitos gerados, pois o abalo nas estruturas das fazendas era significativo, assim, os fazendeiros não queriam perder essa mão de obra tão necessária para manter os seus ganhos.

**Figura 21:** Insurreição de escravos em Viana/ MA - 1867



**Fonte:** REIS, J. J.; e GOMES, F. dos S.; São Paulo: Companhia das Letras, 1996/ Adaptado por Pereira, J de J, 2006.

Diz-nos Josenildo que:

Os escravos compreendiam por meio de seus próprios corpos submetidos à violência física, os meandros da dinâmica das relações escravistas de produção. Nesse sentido, as fugas, os quilombos e as insurreições escravas, bem como outras práticas sociais se apresentam como nuances do resultado das contradições que permeavam as relações entre os proprietários rurais e os escravos. Em outras palavras, são práticas sociais que expressam quanto os escravos conheciam a respeito de suas condições de vida e de trabalho, bem como os recursos utilizados por autoridades públicas e proprietários rurais para garantir a disciplina e o controle social dos mesmos. (PEREIRA, 2006, p. 68).

O resultado de todo esse levante é a busca pela liberdade, pelo direito de construir as suas vidas sem o pesado fardo do autoritarismo que tentava justificar o trabalho forçado, assim, dentro dessa liberdade o que temos são territórios livres que nos dias de hoje

continuam lutando para manter as suas terras e seu direito de atuar presentes em todas as esferas sociais. São centenas de Quilombos na Baixada maranhense que de todas as formas mantêm a sua história sendo construída todos os dias.

Nos quilombos a vida se dá na sua forma dinâmica, resgata o passado com as experiências que foram se construindo ao longo do tempo através das pessoas que construíram uma história e que através da oralidade tornaram essa memória viva. É preciso mudar a conjuntura de exclusão, que existe no Brasil, “no caso específico da população remanescente de quilombos, precisamos avançar muito mais, posto que, entre os afro-brasileiros, esse grupo soma os maiores índices de exclusão educacional”. (BOTELHO, 2007, p. 35).

Neste sentido que a educação tem um papel primordial que é fortalecer o engajamento das pessoas para entender a sociedade da qual elas fazem parte, pois em um país em que a maioria das pessoas se declara pretas ou pardas não cabe que sua história seja ainda colocada em segundo plano.

Os movimentos quilombolas são organizações que vem atuando forte na dianteira de fortalecer a ideia de que a educação a partir da realidade do Quilombo é necessária, na Baixada maranhense temos experiências fortalecedoras que precisam ser apreciadas, para que outras pessoas possam conhecer o que esses lugares estão pensando e produzindo enquanto conhecimento.

A força atuante dos movimentos que buscam lutar por seus direitos é representada por grupos que vem na união de esforços a necessidade de organização maior em vista de sanar com as discrepâncias sociais. O MOQUIBOM (Movimento Quilombola do Maranhão) vem trabalhando em prol da defesa de direitos que são sendo negadas as populações desde o ano de 2011, dessa forma, vendo as injustiças que se cometiam contra as famílias que tinham seus territórios ameaçados existiu a necessidade de organização a nível maior para que se buscasse entender esses conflitos.

Igor Thiago Silva de Sousa lembra que:

O MOQUIBOM ganha destaque a partir de ocupações a órgãos públicos, grandes atos públicos e passeatas a partir de 2011, com denúncias sobre assassinatos e perseguições a lideranças quilombolas no campo. Nesse sentido, o surgimento do movimento está relacionado aos trabalhos da CPT (Comissão Pastoral da Terra) junto a comunidades quilombolas no interior do Maranhão, mais especificamente na região da Baixada Maranhense. Esses trabalhos se dão, sobretudo, ao dar visibilidade às garantias Constitucionais existentes desde 1988, bem como auxiliando as comunidades nos processo de auto identificação e elaboração de relatos sintéticos a serem enviados a FCP (Fundação Cultural Palmares), como forma de assegurar a obtenção do certificado emitido pela Fundação, um dos passos no processo de titulação territorial das comunidades quilombolas. (SOUZA, 2019, p. 177-178).

A importância do MOQUIBOM para a Baixada Maranhense caminha no sentido de que há desafios ainda a serem enfrentados principalmente quando a defesa vai em direção a conservação do território, pois constantemente famílias são ameaçadas de perderem suas terras, assim a luta que se faz em prol de salvaguardar os seus patrimônios é urgente. Enquanto organização, o movimento tem desempenhado um papel de grande valor na região, pois através desses esforços que centenas de famílias se sentem amparadas para lutar por seus direitos.

**Figura 22:** Encontro com Mulheres Guerreiras da Resistência do MOQUIBOM em Santa Helena – MA. Quilombo Bem Fica



**Fonte:** Internet. Disponível em: <https://www.facebook.com/moquibom.maranhao>

**Figura 23:** Encontro com Mulheres Guerreiras da Resistência do MOQUIBOM. Santa Helena – MA. Quilombo Bem Fica



**Fonte:** Internet. Disponível em: <https://www.facebook.com/moquibom.maranhao>



**Figura 24:** Encontro com Mulheres Guerreiras da Resistência do MOQUIBOM. Santa Helena – MA. Quilombo Bem Fica



**Fonte:** Internet. Disponível em: <https://www.facebook.com/moquibom.maranhao>

Esses encontros dentro do Quilombo demonstram como esses territórios continuam atuantes, lutando por seus direitos, em que toda a população constrói dentro de suas terras um sistema que demonstre a importância de lutar pelo que é de todos.

Denise Botelho, ao falar da inclusão educacional e população negra brasileira, enfatiza que:

É importante que educadoras e educadores estimulem seus alunos e alunas a reconhecerem a dos *diferentes saberes* presentes na sociedade e perceberem como cada grupo sócio-racial contribuiu para a formação da identidade cultural do país. Diante de uma população escolar educacional multirracial, como a brasileira, mostram-se imprescindíveis novas práticas didático-pedagógicas que re-signifiquem os conteúdos curriculares e as atividades de sala de aula, por meio de recursos diferenciados de ensino, como os presentes nas comunidades quilombolas e quase sempre não apropriados por educadores e educadoras como alternativas didático-pedagógicas. (BOTELHO, 2007, p. 35).

O papel do educador é estar aberto para o universo de práticas que podem ser fomentadas dentro das escolas, em um país com uma diversidade de povos, como é o caso do Brasil, é fundamental que nenhum passe despercebido.

O entendimento da identidade brasileira perpassa em apresentar para o universo estudantil como essa formação se deu, os passos trilhados até o presente momento. Porém temos ferramentas hoje que possibilitam um início de sucesso para romper essas barreiras que ainda imperam dentro do sistema educacional. A prática educacional é levar os estudantes a buscar saber sempre mais, quando isso é feito as mentes começam a se abrir para que todos se sintam acolhidos dentro da escola.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar entender a identidade e a formação cultural do maranhense é cruzar um caminho de desafios que foram sendo construído ao longo da história, é fazer resgates, é ouvir as memórias que ainda são contadas, é pesquisar em fontes que foram negligenciadas ou esquecidas. A história do Maranhão é muito mais do que vemos, ela se soma a historiografia de um Brasil que tardiamente aboliu a escravidão, como resultado o que temos é uma distorção em torno dos atores primordiais que não tiveram seus feitos reconhecidos.

O professor do século XXI deve reconstruir essas cadeias que foram construídas de forma equivocada, os caminhos estão postos, pois sabemos que é de fundamental importância não deixar com que os ditames segregacionistas continuem aparecendo, esses fizeram com que o preconceito e a discriminação tomassem conta da sociedade e que resultaram na desvalorização e, em muitos casos, na negação da história e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Os caminhos trilhados aqui são importantes passos para que busquemos nos aprofundar em temáticas que são pertinentes, pois a lei 10.639, bem como a discussão do livro didático como aspecto mercadológico, nos possibilita adentrar mais a fundo na perspectiva de entender os porquês de certos conteúdos não fazerem parte das obras didáticas, e assim, o negro não ter o seu espaço reconhecido na história do Brasil. O conhecimento sobre o continente africano deve ser a base para iniciarmos a história da humanidade como civilizações avançadas, e nessa perspectiva desconstruir estereótipos de atraso na região.

Por fim, buscamos entender a região da Baixada maranhense a partir da chegada dos africanos na região e como essa chegada impactou de todas as formas o lugar, pois culturas diferentes foram trazidas e de forma única foram se estabelecendo e dinamizando um modo próprio de vida. Com a criação dos quilombos as questões que eram próprias desse povo começaram a se constituir e se efetivar culminando nos territórios que nos dias atuais continuam mostrando para a sociedade que o povo preto não esquece as suas origens.

Portanto, professores (as), esperamos que este material possa contribuir com a sua prática reflexiva e possibilitar aos estudantes caminhos que incluam todos os povos, bem como as diferenças que temos e somos seja um atributo positivo de criação de um espaço em haja dialogo sobre o que é melhor para todos.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Marilande Martins. **Reflexões sobre a ancestralidade africana do Tambor de mina do Maranhão:** interlocuções e Relações decorrentes do trabalho de campo. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 41(2): 231-251, 2021.
- ALMEIDA, Maria da Conceição Pinheiro. **O movimento quilombola na baixada ocidental maranhense:** história, memória e identidade de comunidades remanescentes de quilombos em Pinheiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, Natal. Anais. Natal, 2013, p. 11-13. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371343653\\_ARQUIVO\\_OMovimentoquilombolnaBaixadaMaranhense.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371343653_ARQUIVO_OMovimentoquilombolnaBaixadaMaranhense.pdf). Acesso em: 01 mar. 2021.
- ARANA, Paola Vargas. **Aka, cazumbás e marimondas:** diálogos entre culturas de matriz africana: em Camarões, Brasil e Colômbia. *Revista Cantareira*, n. 25, Jul./Dez., 2016. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2017/05/e25a08.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.
- ARAÚJO, Mundinha. **Insurreição de escravos em Viana, 1867**. 3. ed. São Luís [s.n.], 2014.
- ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. **Cultura popular e sociedade regional no Maranhão do século XIX**. *Revista de Políticas Públicas*. v. 3, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/issue/view/258> Acesso em: 28 ago. 2021.
- BARROS, Maria Luiza Pérola Dantas. **Legislação e entendimento do ensino de história no PNL D 2018**. *Boletim Historiar*, v. 06, n.04, Out./Dez., 2019, p. 80-95. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>. Acesso em: 27 Jul. 2019.
- BOTELHO, Denise. **LEI n. 10. 639/2003 E A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA:** Inclusão educacional e população negra brasileira. In: Salto para o Futuro. Boletim 10. Secretaria de Educação à Distância, Ministério da Educação, TV Escola, Brasília: junho de 2007
- COSTA, Yuri Michael Pereira. **Sociedade e escravidão no Maranhão do século XIX**. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS* Vol. 10 Nº 20, Julho - Dezembro de 2018.
- DIAS, Lucimar Rosa. **Quantos passos já foram dados?** A questão de raça nas leis educacionais – da LDB de 1961 à lei 10.639 de 2003. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). *História da Educação do Negro e outras*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.
- DZIDZIENYO, Anani. **África e Diáspora:** Lentes contemporâneas, vistas brasileiras e afro-brasileiras. In. NASCIMENTO, Eliza Larkin (Org.). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- FILHO, José Luiz Xavier. **Ensino de História e Combate ao racismo na sala de aula: História E Culturas Afrobrasileiras No Livro Didático**. *Revista TEL*, Irati, v. 12, n.1, p. 159-172, jan./jun. 2021- ISSN 2177-6644. Cont. em: <file:///C:/Users/claud/Downloads/carlosoliveira,+12+Artigo+Livro++XAVIER+FILHO,+Jos%C3%A9+Luiz.pdf>. Acesso em: 21/05/ 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap10>. Acesso em: 20/ 07/ 2022.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios**. Maranhão, Rio de Janeiro. V. 15, 1959.

JESUS, Fernando Santos de. **O “NEGRO” NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO E A LEI 10.639/03**. História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 1, p. 141-171, jan./jun. 2012. Cont. em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11864/0>. Acesso em: 19/05/2022.

LAGO, Antônio B. P. **Itinerário da Província do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

LIMA, Ana Paula de Bairros; SANTOS, Ademir Valdir dos. **A lei federal 10 639/03 e o combate ao racismo: ação docente e promoção de justiça e igualdade na escola**. Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, v. 4, n. 7, 2009. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/1939> Acesso em: 28 ago. 2021.

MARTINS, Dayse Marinho. **BUMBALETRANDO: cultura maranhense e ensino de História na Educação Infantil**. Cont. em: História do Maranhão na sala de aula: formação saberes e sugestões / Júlia Constança Pereira Camêlo, Yuri Givago Alhadef Sampaio Mateus (org.). – São Luís: EDUEMA, 2019. v.1.

MONTELES, N. J. S. **Tambor de crioula: história de resistência e memória cultural**. In: Fernando Mirando; Gonzalo Vicci; Melissa Ardanche. (Org.). Actas Del I Seminario Internacional de investigación en arte y cultura visual. 1ed.Montevideu: Universidad De La Republica Uruguay, 2017, v., p. 338-389.

NASCIMENTO, Eliza Larkin. Sankofa: Significado e Intenções. In. NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NAVARRO, Alexandre Guida et al. **O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. [online]. 2017, vol.12, n.3, pp.869-894. ISSN 2178-2547. <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000300012>. Acesso em: 01/ 02/2021.

PANTOJA, Selma. **Uma antiga civilização africana: história da África Central Ocidental**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

PEREIRA, Josenildo de Jesus. **As representações da escravatura na imprensa jornalística do Maranhão na década de 1880**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-11072007-103448. Acesso em: 26/07/ 2022.

ROCHA, Maristela. **PATRIMÔNIO IMATERIAL: O TAMBOR DE CRIOULA**. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 12, n. 1, p. 373-380, jan./jul. 2014.

SILVEIRA, Marla de Ribamar Silva. **NAS ENTRANHAS DO BUMBA MEU BOI: Políticas e estratégias para botar o Boi de Leonardo na rua**. / Marla de Ribamar Silva Silveira. – São Luís, 2014.

SOUZA, Marina de Mello. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2014.

VASCONCELOS, Gisele Soares de. **O risível no bumba-meu-boi de seu Lourenço Pinto**. REVISTA PÓS CIÊNCIAS SOCIAIS - SÃO LUÍS, V. 4, N. 7, JAN/JUN. 2007.